

SOBRE O DISCURSO SEXISTA NA LETRA DA MÚSICA MARIA CHIQUINHA

Gabriele Ewilyn de Oliveira Ribas¹

Ramon de Oliveira Bieco Braga²

Palavras-chave: Maria Chiquinha; Sexismo; Geografias Feministas.

Introdução

Na perspectiva de Mesquita Filho, Eufrásio e Batista (2011), o sexismo estrutural é representado na sociedade como benevolente e/ou hostil, variando pela carga cultural paternalista que cada grupo e/ou pessoa possui. Com isto, discursos sexistas são socialmente naturalizados e nem sempre percebidos.

Com isto, esta pesquisa se justifica devido à representatividade de abordagens que refletem em discursos que naturalizam as expectativas de gênero, como exposto por Adichie (2014), em que as construções dos papéis sociais, que são impostos e reproduzidos socialmente, naturalizam posicionamentos, sejam relacionados aos comportamentos em determinados espaços, pela opressão de expressar ideias, de justificar pensamentos, de contribuir com reflexões e por cada situação possuir uma carga diferente e desproporcional quando interpretada nas expectativas de gênero.

Ainda pela análise da autora, a cultura é algo socialmente construída e não o contrário, em que a cultura determina quem são as pessoas (ADICHIE, 2014). Destarte, é possível compreender que discursos sexistas são naturalizados em uma cultura paternalista e esses posicionamentos contextualizam abordagens apresentadas nas produções culturais como, por exemplo, músicas, livros, relações de trabalho, expectativas em relacionamentos familiares e de convívio social, entre outros.

¹ Graduada em Geografia pelo Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE) gabriele.ribas@outlook.com.

² Doutor em Geografia (UEPG) e Professor Adjunto do curso de graduação em Geografia - Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE) - ramonbieco@hotmail.com.

Os objetivos desta pesquisa foram de: a) analisar discursos sexistas estruturados culturalmente na música Maria Chiquinha (BÔSCOLI; FIGUEIREDO, 1991), interpretada por Sandy e Junior em 1991; bem como b) compreender a espacialização da abordagem da violência de gênero presente nesta canção.

Operacionalização

Esta pesquisa foi realizada devido a uma prática pedagógica de ensino desenvolvida durante a disciplina de Geografia Cultural, ministrada pelo docente Msc. Ramon O. B. Braga, no primeiro semestre de 2020, no curso de Licenciatura Plena em Geografia, no Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE), em Curitiba, Paraná.

Figueiredo (1961), deve-se a dois argumentos: 1) a representatividade que a música teve no cenário nacional no ano de lançamento, pois atingiu a 60ª posição no ranking das 100 músicas mais tocadas nas rádios das capitais brasileiras em 1961 (MAIS TOCADAS, 2020) quando foi interpretada pela dupla Sônia Mamede e Evaldo Gouveia (IMMUB, 2020). Desde então, a música foi regravada mais 11 vezes, sendo que a mesma se tornou emblemática na interpretação da dupla Sandy e Junior que relançou a música no ano 1991 (SANDY E JUNIOR, 1991); e 2) pela representatividade cultural que a letra da música possui em reproduzir o discurso patriarcal que, conforme exposto por Tiburi (2018), se constitui enquanto um mecanismo de opressão sexista, desqualificando o gênero feminino e ressignificando os corpos femininos como inferiores aos corpos masculinos.

A técnica de análise dos dados da pesquisa foi realizada pelo método dedutivo, que como apresentado por Lakatos e Marconi ([1991] 2003), está relacionado a uma abordagem de análise individual representada pela música, para uma problemática culturalmente naturalizada em um determinado contexto social. E para a técnica de análise dos dados, foi

do discurso, a partir da separação da estrutura do texto e a interpretação aprofundada das evocações que as estruturam, em que os processos reflexivos dos discursos são produzidos.

A cultura industrial como reflexo do sexismo

O pensar cultural na Geografia possibilita a compreensão da reprodução de estigmas sociais, ancorados no sexismo e patriarcalismo, que incidem no corpo humano suas representações sociais quanto aos papéis de gênero. Nesse caso, há o discurso cultural de controle e de opressão social sexista. Silva (2009) corrobora com esta reflexão, ao discutir sobre as Geografias Feministas e as reflexões culturais dos debates interpretativos de questões de gênero, em que há a problematização da construção social de gênero.

Nesta perspectiva, a abordagem sexista presente na música Maria Chiquinha ([1961]1991), foi analisada no contexto social da década de 1990 e compreendida pela percepção de opressão de gênero. No cenário social do lançamento da música, a reflexão sobre a letra não causou impactos sobre violência contra gêneros, devido algumas percepções de violências serem naturalizadas socialmente. Com isto, músicas semelhantes ao sexismo benevolente e/ou hostil, ao corroborar com Mesquita Filho, Eufrásio e Batista (2011), atribuem compreensões culturais paternalistas e também de reproduções de discursos de dominação e submissão que são culturalmente reproduzidas.

Na música interpretada por Sandy e Junior (1991), as duas abordagens dos discursos sexistas se mostram presentes, reforçados no momento em que a personagem Maria Chiquinha (mulher) é frequentemente questionada por suas ações por Genaro (homem) e, ao término da canção, há a presença da ameaça da violência de gênero causada pela insegurança e para a reafirmação masculina pelo controle da situação, como demonstrados nos seguintes versos da música:

Que cocê foi fazer no mato, Maria Chiquinha? / Que cocê foi fazer no mato? / Eu precisava cortar lenha, Genaro, meu bem / Eu precisava cortar lenha / Quem é que

tava lá com você, Maria Chiquinha? / Quem é que tava lá com você? / Era filha de Sinhá dona, Genaro, meu bem / Era filha de Sinhá dona / Eu nunca vi mulher de bigode, Maria Chiquinha / Eu nunca vi mulher de bigode / Era a saia dela amarrada nas pernas, Genaro, meu bem / Era a saia dela amarrada nas pernas / Eu nunca vi mulher de colote / Maria Chiquinha / Eu nunca vi mulher de colote / Ela tava comendo jamelão, Genaro, meu bem / Ela tava comendo jamelão / No mês de setembro não dá jamelão, Maria Chiquinha / No mês de setembro não dá jamelão / Foi uns que deu fora do tempo, Genaro, meu bem / Foi uns que deu fora do tempo / Então vai buscar uns que eu quero ver, Maria Chiquinha / Então vai buscar uns que eu quero ver / Os passarinhos comeram tudo, Genaro, meu bem / Os passarinhos comeram tudo / Então eu vou te cortar a cabeça, Maria Chiquinha / Então eu vou te cortar a cabeça / Que cocê vai fazer com o resto, Genaro, meu bem? / Que cocê vai fazer com o resto? / O resto? Pode deixar que eu aproveito (BÔSCOLI; FIGUEIREDO, [1961] 1991, p.01).

Com base na técnica de 'análise de conteúdo', proposta por Bardin (1977] 2016), foi possível identificar a existência de 29 evocações, que foram sistematizadas em 6 categorias discursivas, a saber: 'desconfiança masculina' (41,4%), 'explicação feminina' (20,7%), (3,4%).

Desse modo, realizamos a análise da letra da música da categoria discursiva que possui a maior porcentagem para a menor porcentagem. Assim, na categoria discursiva 'desconfiança masculina' (41,4%) foi possível identificar a presença da opressão masculina, ancorada na desconfiança de uma possível situação de traição, como pode ser verificado nas
lá com você,
explicações apresentadas pela personagem Maria Chiquinha (mulher); as evocações
então aos
frequentes questionamentos de Genaro (homem), que com a sua desconfiança a situação

A representação do sexismo na música Maria Chiquinha, retrata um cenário de violência de gênero, atribuído as influências do sexismo que promove a desigualdade de gênero, reproduzida culturalmente, seja por relações sociais ou pela industrial musical.

Considerações Finais

A análise do discurso sexista na letra da foi cantada e ouvida por muitos(as) brasileiros(as) sem causar impactos da representação do sexismo, foi percebida e discutida na presente pesquisa ao refletir as abordagens do sexismo que estão presentes nas pesquisas relacionadas a temática e, de compreender a representação da desigualdade de gênero que antes como retratado na música, seriam questões naturalizadas e sem impacto social.

A discussão da análise sexista é apresentada por questões sociais e históricas de cada espaço, contextualizando as abordagens da pesquisa aos discursos que reforçam os estereótipos de gênero em variados espaços sociais. Deste modo, o posicionamento de Silva (2009) sobre a produção científica relacionado à Geografia Cultural e aos Feminismos ser necessária ao promover as reflexões acerca da construção social de gênero, fundamentou o desenvolvimento desta pesquisa, ao sensibilizar a composição da música e promover a reflexão geográfica sobre a mesma.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Editora Companhia das Letras, 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1ª edição. São Paulo/SP: Edições 70, [1977] 2016.

BÔSCOLI, Geysa; FIGUEIREDO, Guilherme. Letra da música Maria Chiquinha. Interpretado por Sandy e Junior em 1991.1961. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/sandy-e-junior-musicas/149622/>> Acesso em 23/02/2020.

IMMUB - Instituto Memória Musical Brasileira. Catálogo online de artistas, intérpretes, álbuns e fonograma. Compositora Geysa Bôscoli. 2020. Disponível em: <<https://immub.org/compositor/geysa-boscoli>> Acesso em: 23/02/2020

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5ª edição. São Paulo/SP: Atlas, [1991] 2003.

MAIS TOCADAS. Ranking das 100 músicas mais tocadas nas rádios das capitais brasileiras em 1961. 2020. Disponível em: <<https://maistocadas.mus.br/1961/>> Acesso em: 01/03/2020.

MESQUITA FILHO, Marcos; EUFRÁSIO, Cremilda; BATISTA, Marcos Antônio. Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. **Saúde e Sociedade**, v. 20, p. 554-567, 2011.

SANDY E JUNIOR. **Álbum Aniversário do tatu**, Gravadora PolyGram, 1991.

SILVA, Joseli Maria. As alianças das perspectivas feministas e cultural para superar ausências e silêncios na geografia brasileira. In: MENDONÇA, Francisco de Assis; LOWENSAHR, Cicilian Luiza; SILVA, Marcia da. (org.). **Espaço e tempo**: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba/PR: ADEMADAN, 2009. p. 221-242.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 4ª edição. Rio de Janeiro/RJ: Rosa dos tempos, 2018.